

John Bellairs

Um vulto na escuridão



Segundo volume das
Aventuras de Lewis Barnavelt





John Bellairs

Um vulto na escuridão

Tradução de
ALVES CALADO

Ilustrações de
ANA MARIA MOURA



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2002

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Bellairs, John

B383v Um vulto na escuridão / John Bellairs; ilustrações de Ana Maria Moura; tradução de Alves Calado. - Rio de Janeiro:

Record, 2002.

Tradução de: The Figure in the Shadows

ISBN 85-01-06077-1

1. Literatura infanto-juvenil. 2. Moura, Ana Maria.

3. Calado, Alves. I. Título.

01-1142 CDD-028.5

CDU - 087.5

Título original em inglês:

THE FIGURE IN THE SHADOWS

Copyright © John Bellairs, 1975

Publicado em acordo com o autor, a/c BAROR INTERNATIONAL INC., Armonk, New York, USA.

Ilustrações de Ana Maria Moura

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios sem a prévia autorização por escrito da editora.

Direitos exclusivos desta tradução

adquiridos pela

DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVIÇOS DE IMPRENSA S.A.

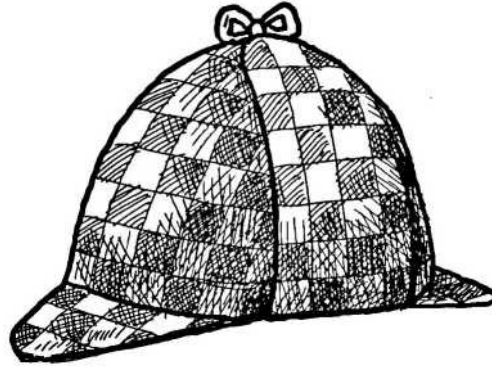
Rua Argentina, 171 — Rio de Janeiro, RJ — 20921-380 - Tel.: 2585-2000 que se reserva a propriedade literária desta tradução

Impresso no Brasil

ISBN 85-01-06077-1

Digitalização e Revisão: Yuna (Toca Digital)

*Para Don Wilcox, David Walters e Jonathan Grandine Amigos que têm sido
amigos de verdade*



CAPÍTULO UM

Lewis Barnavelt estava na beira do pátio, vendo a briga dos garotos grandes.

Era uma batalha de verdade. Tom Lutz e Dave Shellenberger eram dois dos grandes valentões que mandavam na escola de Lewis. Geralmente batiam em todos os demais; agora estavam se atracando um com o outro. De um modo engraçado, aquilo fazia Lewis se lembrar das batalhas de deuses e heróis que ele tinha lido na versão dos Clássicos em Quadrinhos da *Ilíada*.

— E aí, gostou dessa, hein? — Tom jogou um punhado de terra na cara de Dave. Dave partiu para cima de Tom, e agora os dois estavam rolando e rolando no chão, chutando, se engalfinhando e gritando palavrões. Lewis viu que a briga podia estar vindo para o seu lado, por isso recuou para o beco escuro que passava entre a escola e a igreja episcopal.

Normalmente Lewis estaria a quilômetros de uma briga assim. Lewis era gordo e tinha cara redonda. Vestido com seu suéter marrom e as calças largas de veludo cotelê, parecia um balão ascendendo. Pelo menos era o que sua maldosa tia Mattie tinha dito uma vez, e a expressão “balão ascendendo” tinha se grudado na mente de Lewis. Suas mãos eram macias e gorduchas, e não criavam calos, mesmo quando ele as esfregava com lixa. Quando flexionava os músculos, nada acontecia. Ele tinha medo de brigas, e tinha pavor de ser espancado.

Então, o que estava fazendo ali, vendo dois dos garotos mais fortes da escola trocar socos? Bom, a porta dos fundos da escola dava no pátio, e Rose Rita tinha dito a Lewis para se encontrar com ela perto da porta dos fundos, e quando ela dizia uma coisa, dizia a sério. Rose Rita Pottinger era a melhor amiga de Lewis, e estava de castigo depois da aula por ter sido mal-educada com a Srta. Haggerty, a professora da sexta série — Rose Rita era um ano

mais velha do que Lewis, mas estava na mesma turma, o que era legal.

Lewis ficou andando de um lado para o outro no beco escuro. Por que ela demorava tanto? Ele estava ficando cada vez mais nervoso, com a briga acontecendo ali perto. E se os dois se cansassem de brigar um com o outro e decidissem bater nele?

— Oi, Lewis!

Lewis deu um pulo. Depois se virou. Ali estava Rose Rita.

Era bem mais alta do que ele, e usava óculos. Seu cabelo era comprido, escuro e grosso. Na cabeça usava um gorro felpudo com um botão de marfim no topo. O gorro era cheio de broches com personagens de quadrinhos, do tipo que vinha nas caixas de cereal Kellogg's. Rose Rita usava o gorro o tempo todo.

— Oi — disse Lewis. — Você tem muita coisa para fazer?

Rose Rita deu de ombros.

— Ah, não muito. Venha, vamos indo. Quero ir em casa primeiro e tirar essas roupas idiotas.

Isso era típico de Rose Rita. Ela usava saia e blusa para ir à escola porque era obrigada, mas no minuto em que saía, corria para casa para vestir jeans e um suéter. Rose Rita era um moleque. Gostava de fazer coisas que geralmente só os garotos faziam, como pescar, subir em árvores e jogar beisebol. Lewis não era muito bom em nenhuma dessas coisas, mas gostava de ficar com Rose Rita, e ela gostava de ficar com ele. Era setembro, e os dois eram amigos desde abril.

Estavam indo pelo beco quando Rose Rita percebeu o saco de papel que Lewis estava carregando na mão esquerda.

— O que você tem aí? — perguntou.

— Meu chapéu de Sherlock Holmes.

— Ah. — Rose Rita sabia do chapéu de Sherlock Holmes. O tio de Lewis tinha dado de presente no Dia da Independência. Mas ela ainda estava curiosa. — Por que você colocou num saco?

— Eu quero usar na rua Principal, mas quero ter certeza de que não vai ter nenhum garoto por perto quando eu colocar.

Rose Rita o encarou.

— Quer dizer que você vai pegar o chapéu, pôr na cabeça e depois enfiar no saco de novo?

— É. — Lewis ficou sem graça.

Rose Rita pareceu mais perplexa do que nunca.

— Bom, se você está com tanto medo, por que quer usar o chapéu na rua Principal? Na certa vai haver um monte de gente para olhar você.

— Eu sei — disse Lewis, teimoso. — Mas não me importo se um monte de adultos virem o meu chapéu. Só não quero que algum garoto metido roube de mim.

Rose Rita deu um riso simpático. Sabia que Lewis era sempre incomodado pelos valentões.

— Certo, certo. O chapéu é seu. Vamos.

Seguiram pelo beco e atravessaram um quarteirão até a rua Principal. A cidade onde Rose Rita e Lewis moravam era pequena, e a rua Principal só tinha três quarteirões. Nela havia lanchonetes, mercearias, lojas de roupas, restaurantes e bares. Tinham chegado até a mercearia Kresge's quando Lewis parou e olhou rapidamente em volta.

— Você acha que está tudo bem agora, Rose Rita? Não estou vendo nenhum garoto por aí. — Ele começou a mexer na sacola.

Rose Rita ficou irritada.

— Ah, qual é, Lewis! Isso é idiotice! Olha, eu tenho de entrar aí e comprar uns lápis, papel e umas coisas. Depois tenho de ir em casa mudar de roupa. Encontro você na casa do seu tio. Certo?

E desapareceu antes que ele pudesse responder. Lewis ficou um pouco furioso com Rose Rita, e também se sentiu idiota. Olhou mais uma vez em volta. Nenhum garoto mau à vista. Bom. Pegou o chapéu e pôs na cabeça.

Era realmente um chapéu ótimo. De tecido xadrez verde com abas duras na frente e atrás, e protetores de ouvido que estavam amarrados no topo do chapéu. Quando Lewis o colocou, sentiu-se corajoso e inteligente, como Sherlock Holmes perseguindo um bandido na névoa de Londres. Olhou em volta de novo. Decidiu que usaria o chapéu durante os três quarteirões inteiros, até a sede da Associação dos Veteranos da Guerra Civil. Ninguém poderia fazer nada com ele num espaço tão curto.

Seguiu de cabeça baixa, olhando a calçada. Dois adultos se viraram e olharam enquanto ele passava. Lewis os viu com o canto do olho, mas tentou não percebê-los. Era estranho como sentia duas coisas diferentes com relação ao chapéu: por um lado, estava orgulhoso em usá-lo. Mas também sentia vergonha. Ficaria feliz quando chegasse à sede da Associação de Veteranos.

Lewis tinha acabado de passar pela lanchonete Heemsoth's quando ouviu

uma voz maligna e sarcástica dizer:

— Nossa, *eu* gostaria de ter um chapéu assim!

Lewis parou imediatamente. Era Woody Mingo.

Lewis morria de medo de Woody, e achou que até mesmo Dave Shellenberger e Tom Lutz pensariam duas vezes antes de discutir com ele. Não que fosse grande e forte. Era só um cara pequeno e magro, mas era brigão, e andava com um canivete no bolso. Diziam que ele já havia ameaçado alguns garotos com aquele canivete.

Lewis recuou. Um arrepio gelado passou pelo seu corpo.

— Qual é, Woody — disse ele. — Eu nunca fiz nada com você. Me deixe em paz.

Woody fez uma cara de desprezo.

— Deixe eu ver o seu chapéu — disse ele, estendendo a mão.

— Promete que me devolve?

— Ah, claro. Prometo.

O coração de Lewis se encolheu. Ele sabia o que significava aquele tom de voz. Nunca mais veria o chapéu. Lewis olhou em volta para ver se havia algum adulto perto, que pudesse ajudá-lo. Nada. Nenhum. Aquela extremidade da rua Principal estava vazia como se fosse domingo de manhã.

— Anda. Deixe eu ver o chapéu. — Woody estava impaciente. Os olhos de Lewis se encheram de lágrimas. Será que deveria correr? Se corresse, não iria muito longe. Como a maioria dos garotos gordos, não conseguia correr muito rápido. Ficava sem fôlego num instante, e sentia dores na lateral da cintura. Woody iria pegá-lo, arrancar o chapéu e dar socos no seu ombro até ele ficar machucado. Triste, Lewis tirou o chapéu. Entregou a Woody.

Com aquele mesmo sorriso maligno, Woody revirou o chapéu nas mãos. Colocou-o e ajeitou a aba.

— Nossa, agora eu estou que nem Sherlock Holmes nos filmes. Bom, tchau, baleia. Obrigado pelo chapéu. — Woody se virou e foi andando, à vontade.

Lewis ficou parado, olhando-o ir. Sentiu-se enjoado. Lágrimas desciam pelo rosto, e seus punhos fechados estavam tremendo.

— Me dê esse chapéu de volta! — gritou. — Eu vou contar à polícia, e eles vão jogar você na cadeia durante cem anos!

Woody nem respondeu. Simplesmente foi andando devagar, balançando o corpo. Sabia que Lewis não poderia fazer nada com ele.



Lewis cambaleou às cegas pela rua. Estava chorando muito. Quando enxugou os olhos e olhou em volta, descobriu que estava no parque Leste, um parque minúsculo na extremidade leste da rua Principal. Havia alguns bancos e um jardim rodeado por uma pequena cerca de ferro. Lewis sentou-se num dos bancos e enxugou os olhos. Depois chorou mais um pouco. Por que não tinha nascido forte como os outros garotos? Por que todo mundo tinha que pegar no pé dele? Não era justo.

Ficou ali no banco por um bom tempo. De repente se empertigou. Enfiou a

mão no bolso e pegou o relógio. Era tarde! Deveria se encontrar com Rose Rita em sua casa, porque a colega tinha sido convidada para o jantar. Claro, ela precisava ir em casa primeiro e trocar de roupa. Mas Rose Rita era bastante rápida. Provavelmente estava sentada na varanda dele agora mesmo. Lewis deu um pulo e foi andando rapidamente para casa.

Quando chegou ao número 100 da rua Alta, onde morava, Lewis estava sem fôlego. Ali, sem dúvida, estava Rose Rita, sentada perto do tio dele no balanço de listras verdes. Os dois estavam soprando bolhas de sabão.

Lewis olhou o tio Jonathan soprar no cachimbo esculpido que estava segurando. Uma bolha começou a se formar. Cresceu e cresceu até estar quase do tamanho de uma laranja grande. Depois se soltou do cachimbo e seguiu lentamente pelo quintal na direção de Lewis. A bolha parou a uns dez centímetros do rosto dele e começou a girar lentamente. Em sua superfície curva Lewis viu que estavam refletidos Rose Rita, a noqueira do quintal da frente, ele próprio, a alta mansão de pedra onde morava e o rosto risonho, de barba ruiva, de seu tio Jonathan.

Lewis gostava um bocado do tio Jonathan. Já estava morando com ele havia pouco mais de um ano. Antes disso Lewis tinha morado em Milwaukee com os pais. Mas uma noite o pai e a mãe morreram num acidente de automóvel. Assim, no verão de 1948 Lewis tinha ido morar com o tio Jonathan, na cidade de Nova Zebedee, estado de Michigan.

A bolha estourou, e Lewis sentiu uma coisa no rosto. Levantou a mão e enxugou uma parte daquilo. Era espuma de barbear. Espuma de barbear roxa.

Rose Rita e Jonathan riram. Esse era um dos truques de magia de Jonathan. Ele podia fazer truques de magia porque era um feiticeiro, um feiticeiro de verdade, com poderes misteriosos. Rose Rita tinha descoberto a respeito da magia de Jonathan mais ou menos na época em que ficou amiga de Lewis. Mas isso não a incomodou nem um pouco. Ela havia aceitado muito bem. Uma ou duas vezes Lewis a ouviu dizendo a Jonathan, na maior caradepau, que gostaria dele mesmo se ele não fosse um feiticeiro.

Enquanto estava ali parado rindo do truque da espuma de barba, Lewis ouviu uma voz familiar dizer:

— Lewis! Você está lindo!

Lewis ergueu a cabeça. Era a Sra. Zimmermann. Estava parada na porta da casa, enxugando um prato com uma toalha cor de lavanda. A Sra. Zimmer-

mann morava na casa ao lado, mas era praticamente membro da família Barnavelt. Era uma pessoa estranha. Para começar, era louca pela cor roxa. Gostava de qualquer coisa roxa, desde as violetas do início da primavera até os carros Pontiac dessa cor. E era feiticeira. Não uma feiticeira cruel com chapéu preto, vassoura e gargalhada maligna, e sim uma feiticeira vizinha, amigável, agradável. Não demonstrava seus poderes mágicos com tanta frequência quanto Jonathan, mas Lewis sabia que ela era uma maga mais poderosa do que o tio.

Lewis enxugou mais espuma de barbear do rosto.

— Isso não está nem um pouco lindo, Sra. Zimmermann — gritou ele. — A senhora só acha porque gosta de tudo que é roxo.

A Sra. Zimmermann deu um risinho.

— Bom, talvez. Mas mesmo assim é interessante. Venha se lavar. O jantar está pronto.

Lewis estava acabando de se sentar à mesa quando se lembrou de que deveria estar infeliz.

— Nossa, eu tinha esquecido do meu chapéu — disse ele.

Rose Rita o encarou.

— É isso mesmo, o que aconteceu com o seu chapéu? Você usou durante um quarto inteiro ou o quê?

Lewis olhou para a toalha da mesa.

— Woody Mingo pegou.

Rose Rita parou de sorrir.

— Que pena, Lewis — disse ela, e estava sentindo pena mesmo.

Jonathan deu um suspiro fundo e pousou a faca e o garfo.

— Eu disse para você não usá-lo na rua, Lewis. O chapéu era para brincar em casa. Você sabe como os garotos são.

— É, eu sei — disse Lewis, triste. Em seguida enfiou um pouco de batata na boca e mastigou, mal-humorado.

— Foi uma coisa nojenta que ele fez — disse Rose Rita, furiosa. — Talvez se eu tivesse ficado com você, isso não teria acontecido.

De algum modo, a frase fez com que Lewis se sentisse pior. Os garotos deveriam proteger as garotas, e não o contrário.

— Eu posso cuidar de mim mesmo — murmurou ele.

A refeição continuou por vários minutos em silêncio total. Todo mundo olhava para o próprio prato e mastigava quieto. A tristeza pairava sobre a me-

sa como um manto de névoa.

Jonathan ficou olhando para a toalha como todos os outros. Mas, diferentemente deles, estava pensando. Estava revirando o cérebro, tentando imaginar alguma coisa que animasse a todos. De repente bateu com o punho na mesa. Pratos chacoalharam, e a tampa do açucareiro saltou.

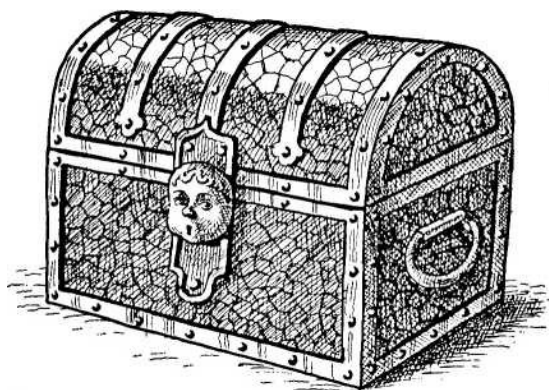
— Afinal o que há com você? — perguntou a Sra. Zimmermann. — Viu uma formiga, ou o quê?

— Não é nada — disse Jonathan, rindo. Agora que tinha a atenção de todo mundo, ele cruzou as mãos e olhou para o espaço. — Lewis? — disse ele

— Sim, tio Jonathan.

Jonathan continuou a olhar para o espaço, mas seu sorriso se alargou.

— O que você acha de ir olhar o que há dentro do baú do vovô Barnavel?



CAPÍTULO DOIS

Lewis ficou de boca aberta. O baú do vovô Barnavelt era um baú enorme que ficava trancado ao pé da cama de Jonathan. Jonathan dizia que ele não era aberto há mais de vinte anos, e Lewis vivia chateando-o por uma chance de espiar dentro. Agora teria essa chance. Sentia vontade de pular na cadeira, e dava para ver que Rose Rita também estava empolgada.

— Minha nossa, tio Jonathan! — gritou Lewis. — Minha nossa, isso vai ser incrível!

— Eu também acho! — disse Rose Rita.

— Eu também — acrescentou a Sra. Zimmermann. — Já que eu sou uma velha senhora enxerida que adora surpresas.

— Certamente que é, Peruca Crespa — disse Jonathan. — Enxerida, isto é. Agora diga-me, pessoal, vocês gostariam do sorvete com biscoito agora ou depois de abirmos o baú? Os que são a favor de abrir o baú agora levantem a mão.

Lewis e Rose Rita começaram a levantar a mão, mas depois lembraram que os biscoitos eram da Sra. Zimmermann. Talvez ela ficasse magoada se eles votassem pelo adiamento da sobremesa. Baixaram a mão rapidamente.

A Sra. Zimmermann os encarou, irada, e levantou a mão.

— Posso falar, professor? — perguntou ela numa vozinha gemida.

— Claro. Vá em frente — disse Jonathan, rindo.

— Se você não subir e me ajudar a trazer aquele baú *agora mesmo* eu vou transformá-lo num cesto de lixo cheio de aparas de lápis. Entendeu?

— Claro, claro! — respondeu Jonathan, prestando continência. Ele e a Sra. Zimmermann subiram para pegar o baú.

Lewis e Rose Rita foram para o escritório. Ficaram folheando livros e de-

senhando na poeira da mesa da biblioteca. Em pouco tempo ouviram portas batendo, muitos barulhos e um grito alto (de Jonathan) seguido por xingamentos abafados. Finalmente o baú chegou. Jonathan estava segurando o seu lado com uma das mãos e chupando os dedos da outra, que ele tinha arranhado enquanto tentava virar o baú numa quina apertada.

— Bom, aqui estamos! — disse a Sra. Zimmermann. Ela pôs o seu lado do baú no chão e enxugou o rosto com um lenço roxo. — O que seu avô guardava aí, Jonathan? Balas de canhão?

— Mais ou menos. Agora, assim que eu achar a chave... Onde será que está? — Jonathan coçou a barba grande e ruiva e ficou olhando para o teto.

— Ah, não diga que você perdeu! — disse a Sra. Zimmermann, exasperada.

— Não, não perdi. Só não lembro de onde está. Meio minuto. — Jonathan saiu da sala e eles o ouviram subindo a escada.

— Espero que não esteja perdida — disse Lewis, que podia ficar carrancudo de uma hora para outra se as coisas não estivessem andando direito.

— Não se preocupe — disse a Sra. Zimmermann. — Se acontecer o pior, o seu tio vai atirar na fechadura com a pistola que o vovô Barnavelt usou na Guerra Civil. A não ser, claro, que ela esteja trancada no baú com o resto das coisas.

Enquanto Jonathan estava no andar de cima procurando a chave, Lewis e Rose Rita tiveram a chance de examinar o velho baú por fora. Tinha uma tampa curva, que o fazia parecer um cofre de pirata, mas era na verdade um baú de viagem, uma espécie de mala que as pessoas costumavam usar antigamente nas viagens pelo oceano. Era de madeira, mas forrado com couro de jacaré. Três grandes tiras de cobre martelado tinham sido pregadas atravessando a tampa, como enfeite. Elas tinham ficado de um verde brilhante com o tempo. O acabamento da fechadura também era de cobre, e tinha a forma do rosto de um bebê. A boca do bebê era o buraco da chave.

Depois do que pareceu um longo tempo, Jonathan voltou. Segurava uma pequena chave de ferro com um cartão pendurado.

— Onde estava? — perguntou a Sra. Zimmermann, esforçando-se para reprimir um risinho.

— Onde? — disse Jonathan, ríspido. — Onde? Exatamente onde deveria estar. No fundo de um vaso cheio de moedas indianas. — Ele se ajoelhou e

enfiou a chave na fechadura. Lewis, Rose Rita e a Sra. Zimmermann se juntaram atrás. A fechadura estava emperrada de ferrugem, por isso Jonathan precisou tentar várias vezes, mas finalmente a chave girou. Cuidadosamente ele ergueu a tampa velha.

A primeira coisa que Lewis e Rose Rita perceberam quando o baú se abriu foi o interior da tampa. Era coberto com um papel de parede rosa desbotado, e alguém há muito tempo — talvez uma criança — tinha grudado figuras no papel. As figuras pareciam ter sido recortadas de uma revista muito antiga. Lewis e Rose Rita olharam dentro do baú. Debaixo de uma grossa camada de poeira havia uma quantidade de pacotes embrulhados em jornal e amarrados com barbante. Um era comprido, curvo e fino. Outro era chato e quadrado. Alguns eram apenas grandes. O jornal era velho e estava amarelado, e alguns embrulhos estavam se desfazendo porque o barbante estava apodrecendo.

Jonathan começou a distribuir os embrulhos.

— Aí está. Um para você, Lewis, e um para você, Rose Rita, e até um para você, Dona Ameixa. E um para euzinho.

— Hah! — disse a Sra. Zimmermann, enquanto puxava uma ponta de barbante. — Aposto que você ficou com o melhor.

Lewis estava com o pacote comprido e curvo. Quando tinha rasgado o papel numa das pontas, viu a bainha de latão azinhavrado de uma espada.

— Nossa! — disse ele. — Uma espada de verdade! — Ele arrancou o resto do papel e começou a dar golpes com a espada. Felizmente ela ainda estava com a bainha.

— Preparai-vos para a minha fúria, vilão maldito! — gritou ele, partindo para Rose Rita com a espada.

— Ei, Sir Ector, cuidado, está bem? — disse Jonathan. Lewis parou e ficou sem jeito. Então todo mundo sorriu, inclusive Lewis.

— Você deveria saber o que acontece quando põe uma espada na mão de um garoto de onze anos — disse a Sra. Zimmermann. — Aqui, deixe-me ver.

Lewis entregou a espada à Sra. Zimmermann. Puxando com cuidado, ela tirou-a da bainha até a metade. A lâmina embaçada brilhou fracamente à luz do abajur.

— De quem era essa espada? — perguntou Lewis.

— Do vovô Barnavelt — disse Jonathan. — É um sabre de cavalaria, dá para saber porque é curvo e bem pesado. Ponha de volta na bainha, Florence. Facas me deixam nervoso.

Lewis sabia um pouquinho sobre o vovô Barnavelt. Tinha visto o nome dele no Memorial da Guerra Civil, e Jonathan tinha contado algumas histórias sobre o velho, mas as histórias só haviam estimulado o apetite de Lewis.

— O vovô Barnavelt era um lanceiro, não era? — perguntou Lewis.

— Isso mesmo — disse Jonathan. — Rose Rita, abra o seu embrulho.

Rose Rita estava segurando um pacote macio. Quando soltou o barbante e tirou o papel, descobriu que estava segurando uma pilha de roupas velhas. Em cima havia uma camisa azul que tinha sido dobrada há tanto tempo que não queria se desdobrar. Debaixo havia uma calça vermelha e larga e um quepe de feltro vermelho, achatado, onde estava escrito em fio de ouro: QUINTO BATALHÃO DE LANCEIROS ZUAVOS DE MICHIGAN.

— O que é o quinto batalhão de... sei lá o quê? — perguntou Rose Rita.

— Idiotas — respondeu bruscamente a Sra. Zimmermann. — Eram idiotas, todos eles.

— Isso mesmo — disse Jonathan, coçando a barba. — Mas isso provavelmente não é a resposta que Rose Rita queria. Em primeiro lugar... Bem, deixemos Lewis responder isso. Ele já leu sobre os lanceiros.

— Lanceiros são soldados de cavalaria que usam lanças compridas — explicou Lewis. — Eles usavam as lanças para atravessar os soldados inimigos.

— Se chegassem suficientemente perto — disse Jonathan. — Veja bem, Rose Rita, os lanceiros eram uma espécie de resquício da Idade Média, quando os cavaleiros derrubavam uns aos outros com lanças. Mas na Guerra Civil os lanceiros tinham de atacar soldados que tinham mosquetes, fuzis e canhões.

— Isso parece meio estúpido — disse Rose Rita. — Por que eles queriam isso?

— Bom, não tenho muita certeza — respondeu Jonathan —, mas acho que imaginavam que aquelas lanças compridas e as flâmulas e os uniformes de cores vivas provocariam o terror nos soldados de infantaria dos inimigos.

— E provocavam? — perguntou Lewis.

Jonathan pareceu confuso.

— Provocavam o quê?

— Terror no inimigo.

— Ah. Bem, sim, algumas vezes. Mas com mais frequência os soldados com mosquetes e fuzis despedaçavam os lanceiros. Foi isso que aconteceu na Batalha do Tribunal de Spotsylvania. O Quinto Batalhão de Michigan atacou

e foi varrido. Somente o vovô Barnavelt e um homem chamado Walter Finzer voltaram vivos. E sobreviveram porque não entraram na batalha.

Lewis ficou sem graça. Tinha imaginado o seu bisavô cortando, lancetando e abrindo caminho através das linhas inimigas.

— Por que ele não entrou na batalha?

— Vá em frente, Jonathan. Conte a eles — disse a Sra. Zimmermann, rindo. Ela ouvira a história mil vezes, mas ainda achava engraçada.

— Bom, foi assim. — Jonathan tossiu, cruzou os braços e se recostou em sua pose de contar histórias. — Seu bisavô, Lewis, não era um dos homens mais corajosos do mundo. Acho que entrou para os lanceiros de Michigan porque achava os uniformes bonitos. Mas quanto mais perto chegava de uma luta de verdade, mais apavorado ficava. A Batalha de Spotsylvania seria seu primeiro combate de verdade. Bom, na noite anterior à batalha o vovô estava jogando pôquer perto da fogueira do acampamento, com alguns outros membros da companhia, e achou que estava com uma mão muito boa. Acho que era um *full hand* ou quatro cartas iguais, ou algo do tipo. De qualquer modo, em pouco tempo só restavam o vovô e Walter Finzer no jogo. Walter também era um rapaz de Nova Zebedee, e tinha entrado para o batalhão mais ou menos na mesma época que o vovô. Bom, Walter foi aumentando a aposta e vovô foi aumentando a aposta, e em pouco tempo os dois tinham posto no bolo de apostas cada centavo que possuíam, além das espadas e das pistolas. Mas então o vovô tirou seu anel de ouro com sinete e o jogou, e Walter não tinha com o que responder. Walter tentou pegar dinheiro emprestado com alguns dos outros homens, mas todos achavam que ele era um caloteiro, e não quiseram emprestar um centavo. Walter já ia baixar as cartas e deixar o vovô pegar o bolo quando vovô disse: “Que tal o seu amuleto da sorte?”

— Amuleto da sorte? — perguntou Lewis.

— É. Veja bem, o vovô tinha entrado no jogo esperando ganhar a moeda da sorte que Walter sempre carregava. Sei que parece idiota, mas vovô estava convencido de que a moeda da sorte de Walter iria fazer com que ele passasse pela batalha sem um arranhão. Quem sabe por que vovô achava isso? Os pilotos de aviões confiam em sapatinhos de bebês e pés de coelho. Vovô tinha ouvido Walter contar vantagem sobre a moeda e achou que talvez ela pudesse ajudá-lo. — Jonathan deu um sorriso triste. — Acho que o vovô estava tão apavorado que teria confiado em qualquer coisa para ajudá-lo a sobreviver à batalha do dia seguinte.

— Ela era mágica? — perguntou Rose Rita. — Quero dizer, a moeda.
Jonathan deu um risinho.

— Não, acho que não. Mas o vovô achava que sim, e isso é que é importante. Continuando com a história, ele mandou Walter jogar a moeda, e Walter recusou. Walter era cabeça-dura e meio estúpido, e não queria se separar da moeda. Mas finalmente seus amigos o persuadiram a jogá-la. Então Walter e vovô mostraram as cartas, e vovô ganhou. Walter ficou furioso. Gritou, berrou, bateu pé e xingou, e no fim, quando vovô começou a recolher o dinheiro, ele agarrou uma pistola do coldre de alguém e deu um tiro na perna do vovô.

— Que coisa medonha! — disse Rose Rita. — O vovô Barnavelt morreu?

— Não, mas o ferimento o pôs fora de combate durante longo tempo. Walter, claro, foi preso imediatamente, e mais tarde foi desligado do exército com desonra. Poderia ter recebido coisa pior, mas o vovô pediu clemência para ele. Veja bem, o vovô Barnavelt era realmente um homem gentil e de coração mole. Não tinha nada que ir lutar numa guerra.

Jonathan se recostou na cadeira e acendeu o cachimbo. A Sra. Zimmermann e Lewis foram para a cozinha e voltaram com biscoitos de chocolate e sorvete. De repente, enquanto todo mundo estava comendo, Lewis ergueu os olhos e disse:

— O vovô guardou a moeda? Ela ainda está por aí?

Jonathan gargalhou.

— Claro que ele guardou! Colocou no relógio e contava a todo mundo como a conseguiu. Eu fiquei cansado de ouvir a história quando era criança.

— Nós podemos ver? — perguntou Lewis.

Jonathan ficou espantado.

— Ver? Bom, acho que sim, se eu conseguir encontrá-la. Imagino que esteja por aí nesse velho baú. Você não acha, Florence?

— Como é que eu vou saber? O baú é seu. Vamos dar uma olhada.

Jonathan, a Sra. Zimmermann, Lewis e Rose Rita se reuniram em volta do velho baú e começaram a pegar pacotes e desembrulhá-los. Havia uma cartola e um fraque preto brilhante nos cotovelos, alguns livros e três ou quatro álbuns cheios de fotos antigas, e uma bala de canhão genuína. Por fim tudo estava fora do baú, a não ser o pó e os insetos mortos no fundo. Isto é, tudo menos uma pequena caixa de madeira desgastada.

— Aposto que está aí — disse Lewis.

— Eu não contaria com isso — alertou Jonathan. — Mas vamos dar uma

olhada.

Ele tirou a caixa. Não havia fechadura, e depois de puxar um pouco a tampa saiu, com dobradiças e tudo. Dentro havia uns velhos óculos sem aro, um cachimbo empretecido e um relógio de bolso muito enfeitado. Havia uma minúscula moeda de prata presa à corrente.

— Ei, está mesmo aí! — Lewis enfiou a mão na caixa e levantou cuidadosamente a corrente do relógio. Segurou-a como se fosse um cordão de diamantes. Em seguida ele e Rose Rita começaram a examinar a moeda. Era estranha, menor e mais fina do que uma moeda de dez centavos. De um lado havia o numeral romano III. Do outro, uma estrela de seis pontas com um escudo dentro. Ao redor da estrela estava gravado “Estados Unidos da América”, e na ponta de baixo uma data: 1859.

— O que é essa moeda? — perguntou Lewis. Ele nunca tinha visto uma moeda assim.

— É uma moeda de três centavos dos Estados Unidos — disse a Sra. Zimmermann. — Qualquer um pode ver isso.

Rose Rita gargalhou.

— Ah, qual é, Sra. Zimmermann! A senhora vive brincando. A senhora quer dizer que na época essa moeda valia três centavos?

— Certamente. Vale um pouco mais agora, porque é antiga, mas não é muito rara.

— Por que eles tinham moedas de três centavos? — perguntou Lewis. — Não seria mais fácil ter apenas três moedas de um?

— Você terá de perguntar à Casa da Moeda por que faziam moedas de três centavos — disse Jonathan. — Houve uma época em que faziam moedas de meio centavo, dois centavos e todo tipo de coisas estranhas. Então, como disse a Sra. Zimmermann, esta moeda não é tão estranha, a não ser por fazer parte da história que eu acabei de contar.

Lewis olhou a moeda e a imaginou num monte de dinheiro, espadas e pistolas à luz vermelha de uma fogueira de acampamento. Imaginou Walter Finzer sacando uma arma e atirando no vovô Barnavelt. Sangue tinha sido derramado por causa daquela moeda. Lewis tinha lido muita coisa, e sabia histórias sobre reis que tinham brigado e matado outros por causa de pequenos objetos. Pequenos objetos como coroas, joias e peças de ouro. A moeda parecia algo saído direto daquelas histórias antigas.

Lewis olhou para o tio Jonathan.

— Tio Jonathan, o senhor tem *certeza* de que esta moeda não é mágica?

— Tanta quanto é possível, Lewis. Mas, para tranquilizar sua mente, por que não a entrega à Sra. Zimmermann por um minuto? Ela sabe tudo sobre amuletos mágicos, talismãs e coisas desse tipo, e acho que provavelmente poderia dizer só pela sensação. Não poderia, Florence?

— Sim, poderia. Na minha prova final na Universidade de Gottingen, quando eu estava fazendo o doutorado em magia, tive de dizer se alguns objetos eram encantados ou não apenas sentindo-os com os dedos. Aqui, deixe-me ver.

Lewis entregou a moeda à Sra. Zimmermann. Ela a esfregou nos dedos e olhou pensativamente durante alguns minutos. Depois devolveu a Lewis.

— Sinto muito, Lewis — disse ela, balançando a cabeça. — Só parece um pedaço de metal. Se fosse mágica, iria... bom, iria meio que *pinicar* na minha mão. Mas não há nada aí. É só uma moeda antiga.

Lewis ergueu a moeda e olhou-a com tristeza. Depois se virou para Jonathan e disse:

— Posso ficar com ela?

Jonathan piscou, distraído.

— Hein?

— Eu perguntei se posso ficar com ela.

— Se pode...? Ah, ah, claro. Fique. É sua. Guarde como lembrança da Guerra Civil. — Jonathan deu um tapinha no ombro de Lewis e sorriu.

Mais tarde naquela noite, quando Rose Rita e a Sra. Zimmermann tinham ido para casa e Jonathan tinha ido dormir, Lewis ficou sentado na beira de sua cama olhando a moeda. Uma pena ela não ser mágica. Se fosse, poderia ser um daqueles amuletos que deixavam você corajoso, forte e protegido dos inimigos. Como o alfinete que aquele antigo rei da Irlanda usava na camisa ao ir para a batalha. Enquanto ele mantivesse o alfinete, não podia ser ferido. Lewis gostava dessa história. Nunca tinha entrado em batalha com espada e escudo, mas tinha entrado em algumas brigas de socos, e sempre tinha perdido. Talvez, se possuísse um amuleto, tivesse vencido aquelas brigas. Talvez, se ele possuísse um amuleto, Woody Mingo não poderia roubar seu chapéu.

Ah, bem, pensou Lewis, deixa para lá. Pôs a moeda na mesinha-de-cabeceira, apagou a luz e se deitou.

Lewis se deitou, mas não dormiu. Ficou se revirando e pensando em Wo-

ody, no chapéu de Sherlock Holmes, no vovô Barnavelt e Walter Finzer, e na moeda de três centavos. Depois disso apenas ficou ali deitado, ouvindo os sons da casa: o relógio tiquetaqueando, a torneira da banheira pingando, os vários estalos e rangidos que uma casa velha e grande produz quando se acomoda para a noite.

Flip-flap. Lewis sentou-se empertigado na cama. Conhecia esse som. Conhecia muito bem — mas não era um som noturno. Era o som da fenda do correio.

A porta da frente da casa de Lewis tinha uma fenda para a correspondência. A fenda tinha uma cobertura de metal com dobradiças, e quando o carteiro levantava a tampa para enfiar cartas, a tampa fazia *flip-flap*. Lewis e seu tio adoravam receber correspondência e, não importando onde estivessem na casa, quando ouviam o *flip-flap* vinham correndo. O carteiro deles era muito falador, e por isso raramente chegava à casa antes das duas e meia da tarde. Mas, pelo que Lewis sabia, a correspondência nunca chegava à meia-noite.

Lewis ficou ali sentado imaginando, durante vários minutos. Depois saiu da cama, pôs os chinelos e o roupão e desceu até o corredor da frente. Ali, no chão, logo abaixo da fenda, estava um cartão-postal.

Pegou o cartão e levou até a janela do corredor. A luz cinzenta de uma lua cheia estava entrando. Era suficientemente clara para ler — mas não havia o que ler. O cartão estava em branco.

Lewis começou a se sentir estranho. Que tipo de mensagem era aquela? Virou o cartão, e ficou aliviado ao ver que estava selado e endereçado. Mas o selo parecia muito antigo, e a marca do correio estava tão borrada que não dava para dizer de onde o cartão tinha sido enviado. Estava endereçado numa letra bem-feita, cheia de arabescos:

*Senhor Lewis Barnavelt
Rua Alta, n° 100
Nova Zebedee, Michigan*



Não havia endereço de remetente.

Lewis ficou ali parado ao luar, segurando o cartão. Talvez Rose Rita tivesse vindo no meio da noite pregar uma peça. Talvez — mas não parecia provável. Lewis virou o cartão e olhou de novo o lado em branco. Seus olhos se arregalaram. Agora havia uma coisa escrita.

Venio

A mão de Lewis começou a tremer. Tinha lido sobre escritas em tinta invisível, mas sempre ouvira falar que era preciso passar pós especiais na mensa-

gem ou colocar sobre o fogo para a tinta aparecer. Aquela mensagem tinha aparecido sozinha.

E Lewis sabia o que a mensagem dizia. Sabia ler um pouco de latim, porque tinha sido coroinha, e sabia o que significava *Venio*: Eu venho. De repente sentiu muito medo. Sentiu medo de estar sozinho no corredor escuro. Mas enquanto ia rapidamente acender a luz, o cartão escorregou de sua mão. Na verdade, era como se alguém o tivesse puxado. Lewis entrou em pânico e se lançou para o interruptor. A luz quente e amarela encheu o corredor da casa antiga. Não havia ninguém. Mas o cartão tinha sumido.



CAPÍTULO TRÊS

Na manhã seguinte, assim que se levantou, Lewis desceu para procurar o cartão misterioso. Olhou debaixo do tapete do corredor e nas fendas entre as tábuas do piso. Olhou no vaso de cerâmica azul onde Jonathan guardava as bengalas. Olhou em toda parte. O cartão tinha desaparecido. Nenhuma das fendas no assoalho tinha largura suficiente para ele ter escorregado direto, e o cartão não poderia ter flutuado de volta pela fenda da correspondência. *Aonde ele tinha ido?*

Lewis não sentiu vontade de falar sobre o cartão com o tio Jonathan, mas naquela manhã, enquanto comia o cereal, uma explicação confortável lhe ocorreu. O cartão provavelmente fazia parte da magia do tio Jonathan.

Lewis já morava na casa de um feiticeiro havia mais de um ano, e nesse tempo tinha se acostumado a esperar visões e sons estranhos. O espelho no cabide de casacos mostrava o seu rosto quando você olhava — algumas vezes. Mas com frequência mostrava ruínas romanas no deserto, pirâmides maias ou a abadia de Melrose na Escócia. Na sala da frente havia um órgão que cantava comerciais de rádio. E os vitrais da casa enorme e antiga mudavam de imagem de tempos em tempos, sozinhos. Talvez o cartão fantasmagórico fosse uma das piadinhas de Jonathan. Lewis poderia ter descoberto se a resposta estava certa perguntando a Jonathan, já que o tio controlava toda a magia da casa. Mas tinha medo de perguntar. Se a resposta estivesse errada, ele não queria saber disso.

Numa tarde no meio de outubro decidiu voltar cedo para a escola. Na maior parte das vezes esperava em casa durante a hora do almoço, porque tinha medo de que batessem nele. Mas naquele dia, ia voltar cedo porque Rose Rita o tinha convencido.

Lewis e Rose Rita tinham conversado longamente sobre os medos dele. Ela havia tentado convencê-lo de que o único modo de dominar os medos era encará-los de frente. Ele precisava se forçar a voltar ao pátio logo depois do almoço. Depois da primeira vez, a segunda seria mais fácil, e assim por diante. Foi o que Rose Rita argumentou. A princípio Lewis permaneceu teimoso, mas finalmente concordou em tentar. Para tornar as coisas mais fáceis, Rose Rita tinha combinado encontrá-lo no beco perto da escola. Ele não precisaria entrar num jogo de futebol nem nada. Os dois só ficariam sentados conversando. Poderiam conversar sobre a miniatura de galera romana que estavam construindo com madeira de balsa. Seria bem divertido.

Quando Lewis chegou à escola, espiou o beco estreito. Nada de Rose Rita. Lá no final ele podia ouvir crianças gritando e brincando. Cautelosamente, começou a ir pelo beco em direção ao pátio. Sempre esperava que saltassem em cima dele, e algumas vezes isso acontecia.

Estava mais ou menos na metade do beco quando ouviu alguma coisa à esquerda. Parecia um grunhido, ou pés se arrastando. Lewis se virou e viu duas crianças brigando no espaço sombreado e escuro entre os contrafortes da igreja episcopal. As crianças eram Rose Rita e Woody Mingo.

Lewis parou, olhando, paralisado de medo. Woody estava com uma das mãos na cintura de Rose Rita, e com a outra puxava o cabelo dela. Com força, de modo que devia estar doendo muito. Mas Rose Rita não dizia nada. Seus olhos estavam fechados, e os dentes trincados numa careta rígida.

— Anda — rosnou Woody. — Retire o que disse!

— Não.

— Retire o que *disse!*

— Eu disse que não... ai!... Eu falei... *não!*

Woody deu seu riso mais maligno.

— Então, certo. — Ele deu um puxão forte no cabelo de Rose Rita. A careta dela ficou mais tensa, e os dentes trincaram mais. Mas ela continuava se recusando a gritar.

Lewis não sabia o que fazer. Deveria correr e chamar o diretor ou procurar a polícia? Ou deveria tentar atacar Woody sozinho? Pensou no canivete de Woody e teve medo.

Então Woody viu Lewis. Ele riu, como tinha rido quando roubou o chapéu.

— Ei, baleia! Não vai salvar sua namorada? — Woody puxou de novo o

cabelo de Rose Rita, e ela se encolheu.

Rose Rita abriu os olhos e olhou para Lewis.

— Vá embora, Lewis! — sibilou ela. — Vá embora!

Lewis ficou parado, fechando e abrindo os punhos. Olhou para a rua, onde os carros passavam lentamente. Olhou para o pátio, onde podia ouvir crianças rindo, gritando e jogando.

— Venha, seu bunda gorda! Não vai tentar me pegar? Quero ver você tentar!

Lewis se virou e correu. Seguiu pelo beco, saiu para a calçada, atravessou a esquina, subiu a rua Verde em direção à sua casa. Seus pés batiam com força no pavimento, e ele podia se ouvir chorando enquanto corria. Parou na metade da rua Verde porque não conseguia correr mais. O lado da sua cintura doía, a cabeça doía e ele queria estar morto. Quando finalmente recuperou o fôlego, enxugou os olhos, assoou o nariz e caminhou depressa pelo resto do caminho até em casa.

O tio Jonathan estava varrendo as folhas no quintal da frente quando Lewis veio mal-humorado pela calçada.

— Ei, Lewis! — gritou ele, acenando animado com o cachimbo. — A escola terminou mais cedo hoje ou...

O portão da frente fez clang. Alguns segundos depois a porta da frente fez bam. Jonathan largou o ancinho e foi ver o que estava errado.

Encontrou Lewis chorando com a cabeça apoiada na mesa da sala de jantar.

— Que droga porcaria desgraça, que droga porcaria desgraça... — era só o que Lewis conseguia dizer, repetindo e repetindo.

Jonathan sentou-se na cadeira ao lado e passou o braço pelo seu ombro.

— Ande, Lewis. Está tudo bem. O que aconteceu? Não quer me contar?

Lewis enxugou os olhos e fungou várias vezes. Depois, devagar e com voz entrecortada, contou toda a história ao tio.

— ... e eu fugi e ela não vai querer mais nada comigo nunca mais — soluçou. — Eu queria estar *morto*.



— Ah, duvido que Rosie vá riscar você da lista social dela — disse Jonathan, sorrindo e dando um tapinha no ombro dele. — Ela só queria cuidar de si mesma sozinha, só isso. Ela é um verdadeiro moleque, e se entrou numa briga com Woody, creio que ela achou que podia se virar sozinha.

Lewis se virou e olhou para Jonathan por entre as lágrimas.

— Quer dizer que ela não vai me odiar nem me chamar de covarde e molenga?

— Você não é nada disso — disse Jonathan. — E, de qualquer modo, se Rosie quisesse um boçal como melhor amigo, teria encontrado um boçal. Ela é uma garota muito teimosa, e sempre faz o que quer. E acho que ela gosta

muito de você.

— Acha mesmo?

— Mm-hmm. Agora eu vou terminar de tirar as folhas, para nós fazermos uma fogueira no quintal esta noite. Eu vou escrever um bilhete para você não ter problemas na segunda-feira com a Srta. Haggerty, e... bem, por que não vai trabalhar naquela miniatura de navio?

Lewis sorriu agradecido para o tio. Teve um leve ataque de soluços, como acontecia com frequência depois de ter chorado.

— Certo, tio Jonathan, muito obrigado.

Lewis subiu para o quarto, e pelo resto da tarde ficou envolvido no mundo das trirremes gregas e romanas, e das grandes batalhas navais de Salamina e Ácio. Logo antes do jantar o telefone tocou. Lewis desceu a escada de dois em dois degraus, e quase caiu de cara.

— Oi! — ofegou ele enquanto pegava o fone. — É você, Rose Rita?

Ouviu um risinho do outro lado.

— Se não fosse, o que você teria feito?

Lewis sentiu alívio.

— Você está com raiva de mim?

— Não. Eu só liguei para saber o que aconteceu com você.

Lewis sentiu o rosto ficando vermelho.

— Eu me senti meio enjoado, por isso fui para casa. Woody bateu em você?

— Não. Dois professores vieram e fizeram a gente parar de brigar. Eu teria dado um jeito nele se não fosse pela droga do meu cabelo. Acho que vou cortar curtinho.

— Por que vocês estavam brigando?

— Ah, eu disse que ele era um ladrãozinho sujo por ter roubado o seu chapéu, e ele mandou eu retirar o que tinha dito, e eu não quis.

Lewis ficou quieto. Sentiu-se como na ocasião em que Rose Rita tinha dito que queria estar lá para impedir Woody de roubar o chapéu. Era um sentimento confuso. Sentia-se agradecido por ela estar do seu lado, mas era terrível não poder lutar e vencer suas próprias batalhas. Os garotos deveriam ser capazes disso.

— Você está bem? — perguntou Rose Rita. Lewis estava quieto há um minuto inteiro.

— É... estou, claro. Eu... só estava pensando — gaguejou Lewis. — Wo-

ody não machucou você, não é?

Rose Rita deu uma fungada, cheia de desdém.

— Ah, ele não conseguiria fazer nada além de puxar o meu cabelo, porque eu sou *uma grrraar-argh*. Ei, Lewis?

— O quê?

— Vamos trabalhar naquele navio de novo. Quer trazer aqui para a minha casa esta noite?

— Certo.

— Vejo você depois do jantar. Tchau.

— Tchau.

Lewis ficou aliviado em saber que Rose Rita não o odiava por ter fugido. Mas ficou pensando na briga entre ela e Woody, e naquela noite sonhou com isso. No sonho, Woody tinha nocauteado Rose Rita, e a cabeça dela estava sangrando. Lewis o agarrou, deu-lhe um soco, e então Woody falou: “Eu vou cortar a sua língua!”, e Lewis acordou de repente. Estava sentado na cama, com o pijama encharcado de suor. Demorou muito tempo até voltar a dormir.

Na manhã seguinte, quando acordou, decidiu que ia ficar magro e forte como Woody. Desceu para o chão e tentou fazer flexões, mas só conseguiu três antes de desmoronar. Depois tentou fazer abdominais, mas quando se deitou de costas só conseguiu sentar-se se sacudindo e ajudando com os cotovelos. Levantou-se e tentou encostar as mãos nos pés sem dobrar os joelhos, mas não conseguiu. A tentativa fez sua cabeça doer. Finalmente tentou fazer polichinelos. Era divertido porque podia bater palmas acima da cabeça, mas a gordura nas coxas de Lewis também batiam quando as pernas se juntavam, e esse som o deprimia. Além disso ele estava com medo de derrubar o gesso do teto da sala embaixo. Por isso desistiu e desceu para tomar o café da manhã.

Era sábado, e a Sra. Zimmermann tinha ido fazer o café. Apesar de morar na casa ao lado, ela geralmente cozinhava para os Barnavelt, e nos sábados sempre fazia uma coisa muito especial para o café da manhã. Podiam ser bolinhos ou panquecas com salsichas, bolo de morango ou torradas francesas com mel e pêsego em conserva. Naquela manhã a Sra. Zimmermann estava fazendo *waffles*. Lewis ficou olhando enquanto ela colocava manteiga grossa e amarela na grelha de ferro preto. Depois se lembrou de sua decisão.

— Ah... Sra. Zimmermann? — disse ele.

— Sim, Lewis?

— É... acho que não vou comer *waffles* hoje de manhã. Posso comer só uma tigela de flocos de milho?

A Sra. Zimmermann se virou e o encarou estranhamente. Já ia pôr a mão na testa dele quando se lembrou do que Jonathan tinha contado sobre a briga entre Woody e Rose Rita. A Sra. Zimmermann era uma mulher muito esperta, e não demorou muito a adivinhar o que Lewis tramava. Por isso deu de ombros e disse:

— Tudo certo. Vai sobrar mais para mim e o seu tio.

Lewis conseguiu manter a decisão durante todo o café da manhã. Era uma tortura absoluta ver todos aqueles *waffles* dourados e a grossa calda sendo passados de um lado para o outro na frente do seu nariz. Mas engoliu em seco e comeu os flocos de milho encharcados e sem gosto.

Depois do café, desceu até o ginásio de esportes da escola para fazer ginástica. Socou o saco de pancada até os punhos ficarem doloridos. Depois enrolou a manga da camisa e flexionou o músculo do braço direito. Não sabia se alguma coisa estava acontecendo, por isso foi até a quadra de basquete procurar o Sr. Hartwig. O Sr. Hartwig era o professor de ginástica. Era um homem grande e alegre, que vivia jogando bolas para os alunos, dizendo para correr mais rápido, encolher a barriga e saltar um-dois-três e coisas do tipo. Quando Lewis o encontrou, o Sr. Hartwig estava organizando lutas de boxe informais entre garotos que pareciam estar por ali sem fazer nada.

— Ei, Sr. Hartwig! — gritou Lewis. — Posso falar com o senhor um minuto?

O Sr. Hartwig sorriu.

— Claro, Lewis. Em que posso ajudar?

Lewis enrolou a manga de novo e estendeu o braço. Flexionou o músculo, ou o que deveria ser o músculo.

— O senhor está vendo alguma coisa, Sr. Hartwig? — perguntou ele, cheio de esperança.

O Sr. Hartwig tentou segurar o riso. Ele conhecia Lewis e sabia um pouco sobre seus problemas.

— Bom, estou vendo o seu braço — respondeu o professor devagar. — Você esteve fazendo ginástica hoje?

— É. Mais ou menos. Dá para notar? — Lewis flexionou o braço de novo. Estava ficando embaraçado com todos aqueles garotos em volta olhando. Normalmente não teria feito uma coisa dessas na frente deles, mas realmente

precisava saber. O Sr. Hartwig era um especialista. Poderia dizer se os músculos de Lewis estavam aumentando.

O Sr. Hartwig passou o braço pelo ombro de Lewis e o puxou de lado.

— Escute, Lewis — disse ele, baixinho. — Demora mais do que cinco minutos batendo no saco de pancada para aumentar os músculos. Você precisa trabalhar durante semanas e meses, até mesmo anos. Por isso não fique desencorajado se nada acontecer imediatamente. Certo? Agora volte e bata naquele saco! — O Sr. Hartwig deu um sorriso gentil e um soco de brincadeira no estômago de Lewis, que era o que ele fazia quando gostava dos garotos. Lewis se encolheu. Agradeceu ao Sr. Hartwig e voltou ao saco de pancada.

Mas agora não estava mais com a mesma disposição. Se ia demorar anos para ter um corpo de homem, podia muito bem parar e ir almoçar. Era quase uma hora, e ele estava ficando com fome.

Mais tarde Lewis estava sentado diante do balcão da lanchonete Heemsoth's. Tinha acabado de almoçar dois cachorros-quentes e duas Cocas sabor cereja. Agora folheava uma revista do Capitão Marvel. O Capitão Marvel estava espancando os bandidos e vilões de sempre. Seus socos faziam barulhos como ZOK! e PÔU! Lewis tinha experimentado dar uns socos, mas eles nunca tinham acertado o queixo de ninguém. Os garotos com quem ele tinha tentado usá-los simplesmente se desviavam e riam.

Lewis leu todas as histórias da revista e foi para o final. Havia propagandas de coisas como Vacutex, uma traquitana de aparência maligna parecida com uma seringa hipodérmica. Supostamente servia para sugar medonhos cravos da pele. Esse era um problema dos adolescentes. Lewis tinha outras coisas com que se preocupar.

Virou a última página, e ali estava o anúncio do Charles Atlas. Estava sempre ali, e era sempre o mesmo. Havia uma pequena história em quadinhos sobre um fracote de cinquenta quilos que ficava forte a ponto de se vingar do cara que tinha chutado areia na sua cara, na praia. E ali, na parte de baixo do anúncio, estava o próprio Charles Atlas, num calção de banho branco que sempre fazia Lewis pensar numa fralda de bebê. O Sr. Atlas parecia coberto de óleo, e era atulhado de músculos. Estava apontando o punho para Lewis e o desafiando a tentar seus Exercícios de Tensão Dinâmica. Sob a foto do Sr. Atlas havia um pequeno cupom que você deveria recortar. Lewis estivera a ponto de recortá-lo várias vezes, mas sempre tinha parado por um motivo qualquer. Agora rasgou a página, dobrou muito bem e enfiou no bolso.

Naquela tarde, quando chegou em casa, pôs o cupom num envelope e mandou para Charles Atlas.

Lewis manteve a dieta e as flexões durante três ou quatro dias, mas no fim desse tempo estava ficando chateado. Continuava examinando os braços, mas não parecia que algum músculo novo estivesse chegando. E fazer dieta significava que ele se sentia irritado boa parte do tempo. Começou a perceber que o Sr. Hartwig estava certo. Ficar magro e forte como Woody dava muito trabalho. Era preciso negar a si próprio coisas que ele queria de verdade, e era preciso se escravizar a coisas que achava muito chatas, como os exercícios. E mesmo então não podia ter certeza absoluta de que depois de todo aquele trabalho duro conseguiria o que desejava.

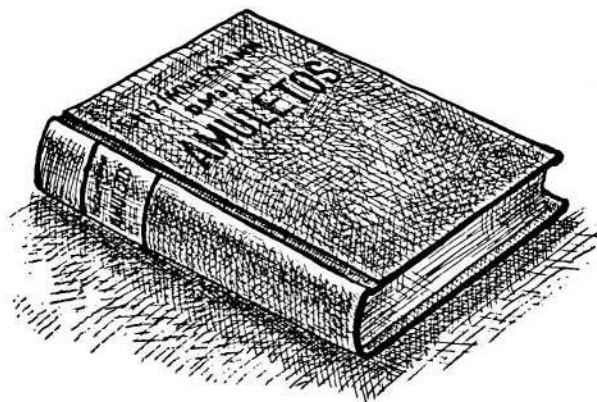
Começou a afrouxar, e depois desistiu completamente. Decidiu que faria uma pausa e voltaria ao plano quando se sentisse melhor. Em pouco tempo estava comendo os bolos de amendoim Reese's e mais um pedaço de bolo de morango com creme chantilly. Parou de fazer flexões e nunca mais chegou perto do saco de pancada. De vez em quando olhava a correspondência para ver se o livreto de Charles Atlas tinha chegado, mas ele nunca estava lá.

Se ao menos houvesse um modo fácil de ficar forte! Lewis pensou na moeda da sorte do vovô Barnavelt. Não seria incrível se ela fosse mágica de verdade? Mágica de um modo que lhe permitisse amassar os inimigos e proteger Rose Rita de qualquer mal? Isso seria fantástico! Então poderia esquecer as dietas e as flexões. Então...

Mas a cada vez que Lewis tinha esse devaneio, lembrava-se de que a Sra. Zimmermann havia declarado sem qualquer dúvida que a moeda não era mágica. A Sra. Zimmermann era especialista em magia. Ela devia saber. Por outro lado, especialistas já tinham errado antes, como as pessoas que diziam que o homem nunca poderia voar. Lewis discutia consigo mesmo assim, indo e vindo, pró e contra, até ficar cheio daquilo. Depois ia para o quarto, tirava a moeda da gaveta e apertava entre o polegar e o indicador.

Não havia uma comichão ali? Não, não havia. Então ficava com raiva e jogava a moeda na gaveta e fechava a gaveta com força. Fez isso muitas vezes, mas nada acontecia. Lewis mexia tanto na moeda, tendo desejos e apertando-a, que começou a pensar nela como sua “moeda mágica”. A expressão “moeda mágica” ficava rodando na sua mente como um disco arranhado. Tentou pensar em outras coisas, mas a expressão sempre voltava. Moeda mágica. Moeda mágica. Era só um desejo ou haveria alguma outra coisa acontecen-

do?



CAPÍTULO QUATRO

Numa luminosa tarde de sábado, no fim de outubro, Lewis e Rose Rita estavam xeretando na biblioteca de Jonathan. Algumas pessoas colocam uma estante numa sala e chamam de biblioteca, mas com Jonathan não era assim. Sua biblioteca era atulhada de livros, do chão ao teto. Lewis costumava ir lá procurar algum livro ou simplesmente sentar e pensar. Naquele dia estava ali com Rose Rita, procurando um dístico em latim para colocar na vela da galé romana que estavam construindo. A galé tinha se transformado num tremendo projeto. Lewis e Rose Rita tinham ficado acordados até tarde durante muitas noites com pedaços de madeira de balsa, cimento de borracha e cola de aeromodelos. O navio estava quase pronto, mas, como acontece frequentemente, os dois haviam se atravancado num detalhe sem importância. Lewis tinha desenhado na vela um retrato de Duílio, o grande almirante romano, e havia descoberto um dístico para acompanhar a imagem: IN HOC SIGNO VINCES. O dístico tinha vindo num maço de cigarros Pall Mall; não era adequado, mas foi o único que Lewis pôde arranjar. Rose Rita declarou que achava estúpido e sem sentido. Agora os dois estavam fuçando os livros em latim da coleção de Jonathan, procurando um dístico razoável, adequado e digno. Em outras palavras, estavam procurando um dístico do qual Rose Rita gostasse.

— Você sabe, Lewis, ajudaria se o seu tio mantivesse os livros numa ordem melhor — reclamou Rose Rita.

— Ajudaria, é? Bom, o que há de errado com o modo como meu tio guarda os livros? — Lewis estava ficando cansado da irritação de Rose Rita, e estava começando a contra-atacar.

— O que há de errado? Ah, não muita coisa. Olhe só para eles! Esta seção aqui deveria ser de livros latinos, e há aventuras e romances, catálogos telefônicos velhos e até um livro da Sra. Zimmermann.

Lewis ficou espantado. Não sabia que a Sra. Zimmermann tinha escrito um livro.

— Nossa, que estranho! Que tipo de livro é?

— Não sei. Vejamos. — Rose Rita tirou da estante um livro empoeirado, encadernado em couro preto encalombado. Havia um título gravado em letras de ouro na lombada. Dizia:

AMULETOS

de

F. H. Zimmermann D. Mag. A.

Rose Rita e Lewis se ajoelharam no chão para examinar o livro. A primeira página era a folha de rosto. Ela dizia:

UMA INVESTIGAÇÃO LIVRE SOBRE AS PROPRIEDADES DOS AMULETOS MÁGICOS

Dissertação apresentada à

Faculdade de Artes Mágicas da Universidade de Gottingen, como cumprimento parcial das exigências para o grau de

DOCTOR MAGICORUM ARTIUM

(Doutor em Artes Mágicas)

por Florence Helene Zimmermann

13 de junho de 1922

Exemplar em língua inglesa

Lewis estava espantado e fascinado. Sabia que a Sra. Zimmermann tinha ido à faculdade para aprender a ser feiticeira, mas não sabia daquele livro.

— Aposto que o seu tio ficaria furioso se soubesse que nós estamos olhando isso — disse Rose Rita, rindo.

Lewis olhou nervoso para a porta. Antigamente Jonathan mantinha os livros de magia nas prateleiras, junto de todos os outros de sua coleção. Mas tinha se preocupado com o interesse de Lewis por magia, e por isso um dia pegou todos os livros de magia que pôde encontrar e levou para o armário do

seu quarto. Era lá que estavam agora, trancados. Todos menos este, que Jonathan havia esquecido.

— É, aposto que ele não sabe que está aqui — disse Lewis.

— Bom, bem feito para ele, por manter uma biblioteca tão bagunçada. Venha, vamos ver o que tem no livro.

Lewis e Rose Rita sentaram-se no chão e começaram a folhear o livro da Sra. Zimmermann. Encontraram um bocado de coisas sobre amuletos mágicos. Leram sobre o estranho pergaminho encontrado no corpo do bispo Anselmo de Würzburg, e o amuleto perdido da rainha Catarina de Médici, da França. Finalmente, no fim do livro, chegaram a um capítulo intitulado:

SOBRE OS MÉTODOS DE TESTAR AMULETOS

Lewis pensou na moeda em sua gaveta lá em cima, e começou a ficar muito interessado. Mas o que leu a princípio foi desapontador. O livro só dizia o que a Sra. Zimmermann tinha falado na noite em que encontraram a moeda: só um feiticeiro de verdade podia testar um amuleto. A Sra. Zimmermann tinha testado a moeda de três centavos usando o método recomendado em seu livro. E viu que a moeda era apenas uma moeda.

Rose Rita estava ficando chateada dos amuletos.

— Venha, Lewis — disse impaciente. — Nós estamos perdendo muito tempo. Vamos ver se encontramos alguma coisa legal para colocar no navio. — Ela fechou o livro e começou a se levantar.

— Espere um minuto — disse Lewis, abrindo o livro de novo. — Há mais uma página. Vamos ver o que tem nela. — Rose Rita deu um suspiro fundo e se sentou de novo.

Eles viraram a última página e leram o seguinte:

Existem alguns poucos amuletos muito poderosos que não reagem aos testes que descrevi.

Esses amuletos são muito raros. Eu nunca manipulei um deles, e nunca vi, mas dizem que o rei Salomão possuiu um, e que Simon Magus conseguiu roubar um, de modo que, por um tempo, ele pareceu ser um mago muito poderoso.

Os amuletos de que falo são tão poderosos que não parecem ser má-

gicos. Não reagem a qualquer dos testes comuns. Mas disseram-me que reagem ao seguinte teste:

Coloque o amuleto na mão esquerda, faça o sinal-da-cruz três vezes e diga a seguinte oração:

Immo haud daemonorum, umquam et numquam, urbi et orbi, quamquam Azazel magnopere Thoth et Urim et Thummim in nomine Tetragrammaton. Fiat, fiat. Amen.

Se o amuleto for um desses que descrevi acima, ele produzirá uma comichão na mão. A comichão só durará alguns segundos, e depois disso o amuleto parecerá tão opaco e morto quanto qualquer objeto comum. Parecerá morto, mas não estará. Devo acrescentar aqui...

Lewis levantou a cabeça. Havia uma luz estranha em seus olhos.

— Ei! — disse ele. — Por que não vamos lá em cima e pegamos a moeda do vovô Barnavelt para ver se ela é um desses?

Rose Rita lhe deu um olhar exasperado.

— Ah, qual é, Lewis! Ela testou a moeda para você na noite em que nós a encontramos. Lembra?

— É, mas ela não usou este teste. Diz aqui que os amuletos realmente fortes não reagem ao teste que ela usou.

— Certo. E também diz que esses amuletos fortes são extremamente raros.

— Bom, a moeda do vovô *poderia* ser um deles. Nunca se sabe.

Rose Rita fechou o livro com força e se levantou.

— Ah, tudo *bem!* Pegue sua moeda idiota e traga aqui e diga essas palavras mágicas idiotas e veremos o que acontece. Estou tão enjoada disso tudo que gostaria de jogar sua moeda idiota no esgoto. Agora, se você disser essa porcaria toda e não acontecer nada, você vai calar a boca?

— Vou — disse Lewis, rindo.

Lewis correu para o andar de cima e abriu a gaveta da mesinha-de-cabeceira. Depois de mexer um pouco lá dentro, encontrou a moeda. Podia ouvir o coração batendo e o rosto vermelho. Quando voltou à biblioteca, Rose Rita estava sentada na poltrona de couro. Estava folheando um grande livro cheio de imagens de navios a vela.

— E então? — perguntou ela, sem levantar a cabeça. — Achou?

Lewis lançou-lhe um olhar irado. Queria que ela estivesse interessada no que ele estava fazendo.

— É, achei. Agora venha me ajudar.

— Por que você precisa da minha ajuda? Você sabe ler, não sabe?

— É, eu sei ler, mas não tenho três mãos. Você precisa segurar o livro para eu poder ler enquanto faço o sinal-da-cruz com uma mão e seguro a moeda com a outra.

— Ah, certo.

Havia uma porta dupla no meio de uma das paredes da biblioteca. Era uma porta de vidro que abria direto para o quintal lateral da casa. Lewis e Rose Rita assumiram suas posições diante dessa porta. Lewis ficou de pé, de costas para a porta. A luz passava sobre seu ombro e caía nas páginas do livro que Rose Rita estava segurando para ele. Na mão esquerda Lewis segurava a moeda. Com a mão direita ele fez lentamente o sinal-da-cruz. Fez três vezes. Depois começou a entoar, como tinha ouvido o padre Cahalen fazer durante a missa:

— *Immo hauddaemonorum, umquam et numquam...*

Enquanto Lewis entoava, a sala começou a ficar mais escura. A luz desbotou nas folhas alaranjadas da árvore do lado de fora, e um vento forte chacoalhou a porta de vidro. De repente a porta se abriu, e o vento entrou na sala. Folheou loucamente o dicionário na mesa da biblioteca, espalhou papéis pelo chão e derrubou todos os abajures. Lewis se virou. Ficou ali parado em silêncio, olhando o estranho crepúsculo. Sua mão ainda apertava a moeda com força.

Rose Rita fechou o livro e olhou nervosamente para Lewis. De onde estava ela não podia ver o rosto dele.

— Nossa, isso foi esquisito — disse ela. — Bom, foi... como se você tivesse feito escurecer aqui dentro.

— É. Foi estranho como aconteceu. — Ele não se mexeu um centímetro, só ficou ali parado, olhando para a noite.

— Aconteceu... aconteceu alguma coisa com a moeda? — A voz de Rose Rita estava tensa e amedrontada.

— Não.

— Tem certeza?

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Um Vulto na Escuridão"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).